

MANOELZINHO BATISTA SHANENAWA WATA WIRÊ: O ENCANTADO EXISTE

Edilene Machado Barbosa
edilenebac@gmail.com
Eldo Carlos Gomes Barbosa Shanenawa
purumashanenawa@gmail.com
Miriane Braga Teles
miriane.teles@sou.ufac.br

RESUMO

Este artigo registra a história oral de um indígena Shanenawa, que ficou várias horas dentro do Rio Envira por ter sido encantado. Esta narrativa esteve por anos guardada na lembrança dos moradores daquele período, sendo uma experiência contada desde o ocorrido, ou seja, há cerca de 50 anos. Assim, o registro dessas memórias representa o fortalecimento da cultura Shanenawa, o que tem sido feito também nas atividades do Centro Vakaynu, onde essa e outras histórias são repassadas, bem como os demais saberes da floresta e do povo. Como aporte teórico, utilizamos Lowental (1998), Zumthor (1997) e Vansina (2010), relacionando principalmente a oralidade e a memória com as práticas dos povos tradicionais para a transmissão de ensinamentos.

Palavras-chave: encantado; religião; Shanenawa.

MANOELZINHO BATISTA SHANENAWA WATA WIRÊ: THE ENCHANTED EXISTS

ABSTRACT

This article records the oral history of a Shanenawa Indian who spent several hours in the Envira River because he was enchanted. This narrative was kept for years in the memory of the inhabitants of that period, and is an experience that has been told since its occurrence, that is, about 50 years ago. Thus, the registration of these memories represents the strengthening of the Shanenawa culture, which has also been done in the activities of the Vakaynu Center, where this and other stories are passed on, as well as other knowledge of the forest and of the people. Theoretically, we used Lowental (1998), Zumthor (1997) and Vansina (2010), relating mainly orality and memory with the practices of traditional peoples for the transmission of teachings.

Keywords: enchanted; religion; Shanenawa.

INTRODUÇÃO

Somos três: um indígena, uma *nawa* (não-indígena) casada com um indígena e ambos vivendo na Aldeia Morada Nova e uma *nawa* que mora na capital acreana. Essa diversidade na composição autoral enriqueceu o debate sobre todo o aprendizado - que segue sendo aprimorado em nós - advindo

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

da disciplina Oralidade, Tradição Oral e Literatura Oral, refletindo ainda as diretrizes decoloniais e inclusivas que norteiam o mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (Ufac).

O encantado existe. O título da história traz consigo a principal mensagem. As memórias do Manoelzinho Batista Shanenawa, Wata Wirê¹, integram parte da sabedoria de toda a comunidade Shanenawa, assim “a memória impregna a vida”. (LOWENTHAL, 1998, p. 77).

Os indígenas consideram que tudo e todos - pessoas, animais, rios, plantas, fenômenos naturais e objetos/seres inanimados - possuem um espírito e isso nos conecta uns aos outros. Esse entendimento está ligado ao animismo, isto é, uma construção antropológica usada para identificar traços comuns de espiritualidade. O animismo não é considerado uma religião em si, mas sim uma característica de várias práticas e crenças.

O animismo está presente em muitas religiões antigas e especialmente em culturas indígenas, “as pessoas atribuem subjetividade às plantas, aos animais e a outros elementos de seu ambiente físico e estabelecem com essas entidades todo tipo de relações pessoais de amizade, troca, sedução ou hostilidade” (DESCOLA, 2014, p. 276).

Então, na história a seguir botos, aparições e encantamentos integram o enredo sem deslegitimá-lo. Pelo contrário, as relações que geralmente são inesperadas para a cultura ocidental representam o elo de significação, sintonizando com uma visão holística da vida e do mundo.

A HISTÓRIA ORAL DO POVO SHANENAWA

Neste artigo é apresentada uma história, narrada em primeira pessoa, fruto da transcrição do depoimento gravado do Manoelzinho Batista Shanenawa, Wata Wirê. Ele foi levado pelos encantados das águas durante a noite. O nosso personagem é tio do Eldo Shanenawa², casado com a Edilene e ambos obtiveram autorização para os seguintes registros:

Eu nasci em 1946, no seringal São Francisco, alto Rio Envira, no município de Feijó, estado do Acre. Atualmente, eu tenho 76 anos de idade. Não sei ao certo quando eu cheguei aqui na Aldeia Morada Nova. Eu não me lembro mais em que ano eu cheguei aqui na aldeia, eu era criança quando eu cheguei aqui. Faz muito tempo que moro aqui. Desde que cheguei aqui ³na aldeia, nunca mais migrei para outro lugar, para morar. Desde que cheguei aqui, quando criança, cresci, fiquei adulto e construí a minha família aqui nessa aldeia. Atualmente, já sou ancião, na idade dá para perceber que eu sou ancião. Sou pai, sou avô e ainda vou trabalhar no meu roçado de vez em quando. Esse ano fiz dois roçados. Desde que eu fiquei rapaz, o meu tio, que é o seu bisavô, o Bruno Brandão⁴, me levava para todos os lugares que ele ia para trabalhar, sempre me levava para

1 Nome original em Shanenawa

2 Coordenador da Organização dos Povos Indígenas do Acre (Opiac).

3 A transcrição preservou totalmente a estrutura das ideias conforme foram ditas, sem correções.

4 Bruno Brandão, Vakaynu, faleceu em maio de 2018, com 108 anos de idade.

onde ia, porque razão que foi ele que nos criou. Eu andei muito com ele até os últimos dias antes da sua partida, quando ele ficou doente que não aguentava mais andar. Eu estava lá do lado dele; eu não nunca deixei ele sozinho, sempre estava ao lado dele. Quando a minha mãe faleceu, ele me adotou junto com as minhas irmãs a Maxi e Yaka. Eu não conheci os meus pais. Quando minha mãe faleceu, o meu pai nos entregou para o meu tio Bruno e foi embora do seringal de onde a gente morava, ficou desgostoso com a morte da minha mãe, foi embora para outro seringal trabalhar com os *nawa*.

A minha mãe se chamava *Menĩ* em *nuke tsãy*⁵, em *nawa tsãy*⁶ se chamava Alzira Brandão. A minha mãe era irmã legítima da mãe do seu avô *Yawa*, o João Bertulino. Eu e seu avô somos primos legítimos, então onde o meu tio ia, ele me levava: quando fosse pescar, quando fosse para trabalhar e até para caçar ele me chamava sempre pra ir com ele. O Bruno Brandão, Moacir Brandão e Militão Brandão são meus tios legítimos.

Todos eles são irmãos da minha mãe. O seu avô, João Bertulino, é meu primo legítimo, ele é filho da irmã da minha mãe. A Tume, minha vó, teve só duas filhas: a minha mãe e a mãe do João Bertulino. Eu não tenho lembranças de como eram as suas fisionomias deles. Faleceram quando eu ainda era criança. Eu tenho essas informações através do meu tio Bruno, era ele que me falava sobre os meus pais.⁷

SERINGUEIRO

Eu fui seringueiro.⁸ Eu cortava seringa na estrada de seringa que era do seu avô, essa estrada de seringa que fica nas margens do Igarapé Pitombeira, onde o seu avô foi picado por uma cobra e veio falecer. Nessa época eu era novo. Quando cortava, eu conseguia produzir seis prancha de borracha durante a semana. Um certo dia, eu tinha seis prancha produzida, aí eu fui a cidade vender para o comerciante do município, que se chamava Barrozinho, um senhor velho que já tinha os cabelos brancos, ele era o nosso comprador de borracha. A borracha que eu produzia já tinha comprador certo.

Quando eu fui vender as borrachas nesse dia, eu chamei o meu tio Bruno e sua esposa para irem comigo vender meus produtos. Quando eu cheguei no comerciante, negocieei com ele as minhas borrachas e ele fez o pagamento. Nessa época eu bebia, bebidas alcoólicas, antes de pegar as borrachas para o comércio, eu comprei uma garrafa de cachaça, coloquei na minha cintura e desci o porto da cidade para carregar as borrachas que estava dentro do barco e já comecei a beber.

Em frente o porto da cidade era um remanso muito grande, era fundo e tinha muito boto. Cada viagem que descia para porto era pra pegar uma carga de borracha, logo na primeira descida deixei minha garrafa de cachaça no barco, subi para deixar uma carga novamente; quando voltei para o barco para toma uma dose de cachaça novamente, os botos estavam boiando em frente o nosso barco, bem perto do nosso barco. Tomei minha dose de cachaça no barco, subi

5 No idioma Shanenawa

6 No idioma dos não-indígenas brasileiros, ou seja, em português.

7 O personagem indica naturalmente como a tradição oral se materializa em sua vida

8 Manoelzinho acredita que tinha uns 27 anos de idade quando esses fatos aconteceram, ou seja, há quase 50 anos.

novamente com uma carga de borracha. Quando subi dessa vez, fiquei fazendo minhas compras.

COMO O ENCANTADO ME LEVOU

Quando terminei de fazer minhas compras, me dá uma vontade de tomar novamente. Deixei meu tio fazendo as compras dele e desci para o barco para tomar uma dose novamente. Quando eu desci para o nosso barco, que cheguei no meu barco para tomar uma dose, vi os botos boiando e falei por brincadeira, uma brincadeira com os botos, que não era para falar daquele jeito, falei dizendo para os botos assim: “boto, se você é muito linda, fosse uma mulher, queria sua companhia para tomar uma dose de cachaça comigo e se fosse homem eu convidava da mesma forma para tomar uma dose cachaça comigo também. Se vocês não quiserem tomar cachaça comigo me fazendo uma boa companhia para tomar uma dose comigo, então eu só acredito que vocês forem botos mesmo, me dá um peixe grande, quando eu for subindo para aldeia, já que vocês gosta de jogar peixe no seco. Joga um peixe bem grande para mim, aí eu vou acreditar que vocês são esses encantados que as pessoas falam por aí. Me dá um peixe grande hoje, amanhã eu jogarei uma garrafa de pinga no rio para vocês tomarem, aí dentro do rio”. Só que falei isto brincando! Quando falei essa brincadeira eu já estava no efeito da bebida, e nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo. Fiz esse tipo de brincadeira com os botos no remanso do porto da cidade. Se eu estivesse bom, sem o efeito da bebida, eu jamais iria dizer esse tipo de brincadeira com botos e recomendo a ninguém brincar com esse tipo de brincadeira que fiz com os botos.

Dito isto, viemos embora para a aldeia. Quando chegamos no porto aldeia, peguei o motor de popa do barco e subi até a casa do meu tio e coloquei o motor na varanda da casa dele, isso já era tarde do dia. Depois que chegamos em casa, eu não bebi mais.

Depois que chegamos em casa, demorei um pouco e fui tomar banho. Jantei e depois do jantar ficamos conversando um pouco e fui deitar. Nessa época eu dormia na cozinha da casa do meu tio Bruno, eu não estava bêbado, eu estava bebido, por isso que eu lembro muito bem de como aconteceu, até eu cair no rio. No dia desse acontecimento, eu estava muito tranquilo, não tinha pressentido nada de estranho comigo. Quando fui me deitar, na época não tinha energia elétrica, a luz que tínhamos na época era da lamparina. Eu apaguei a lamparina, me deitei. Quando eu fui pegando no sono, senti a presença de uma mulher tocando no punho, como se tivesse me dizendo: “não dorme agora”⁹. Me assustei. Levantei a cabeça da minha rede, para ver se eu via alguém. Eu não vi ninguém.

Me deitei novamente, quando eu ia pegando no sono novamente¹⁰, eu ouvi uma voz dizendo: “não dorme. Eu vim te buscar”. Quando eu ouvi essa voz, levantei rápido a minha cabeça para ver quem era que estava falando comigo. Nesse momento não vi ninguém, mesmo no escuro dava para ver se tinha alguém perto de mim; infelizmente não vi nenhuma pessoa. Eu me sentei dentro da rede, fiquei me perguntando: “nossa, o que está acontecendo? Quem será que

9 A mensagem da interlocutora ganha o elemento da performance com um novo tom de voz.

10 A repetição da expressão “novamente” serve como instrumento de ênfase das etapas.

está falando comigo? Não vi nada”¹¹. Me deitei novamente. Quando me deitei, apareceu uma mulher muito linda e me disse: “Eu já te falei que não era para você dormir. Levanta da sua rede e vamos comigo agora. Eu vim te buscar”. Aí eu só me lembro desse momento, não me lembro mais de nada. Eu só lembro depois que voltei de dentro da água no outro dia.

O meu tio Bruno me contou como tinha acontecido¹²: que era aproximadamente umas oito e meia para nove horas da noite, ele estava sentado conversando com a sua esposa, ouviu um barulho estranho dentro da cozinha, um barulho tipo uma pessoa querendo se soltar da outra, parecia que tinha uma pessoa fazendo muita força. Quando ele ouviu o barulho, ele ficou desconfiado que algo tinha acontecido, quando a sua esposa falou que tinha algo acontecendo comigo, a esposa dele disse assim: “levanta. Vai até a cozinha ver o que está acontecendo com seu sobrinho”.

Quando ele estava indo na direção da cozinha, onde estava minha rede, quando ela chegou na cozinha e encontrou minha rede vazia só com meu cobertor na minha rede e o meu saquinho de tabaco junto com meu isqueiro debaixo da rede, imaginou logo: “o barulho que eu ouvi no rio, foi o meu sobrinho que caiu na água”.

Quando eu estava dentro da água, me lembro que eu segui um caminho normal. Como qualquer outro caminho aqui na terra, segui um caminho bem seguido por várias pessoas, lá dentro da água. Fui dá conta de mim, quando eu ia nesse caminho com essa mulher e a minha mãe me encontrou¹³, e falou assim pra mim: “vamos embora que vim te buscar”. A mulher ia na minha frente, eu ia seguindo atrás, a minha mãe, foi mais uma outra mulher por nome de Shãwãhu, quando me encontraram, eu já ia chegando perto da casa dela. Eu ainda consegui ver, mesmo de longe, onde que tinha muita gente nesse lugar... onde ela morava, era tipo uma cidade, foi aí que vi a minha mãe junto com essa mulher em espírito, porque ela já tinha falecido há muito tempo.

Quando ela se aproximou de mim, junto com essa outra mulher, falou para essa mulher que estava me levando: “pode deixar ele em paz. Eu vim buscar meu filho e ele vai comigo. Você pode seguir o seu caminho. O meu filho vai voltar comigo. Ele tem de voltar de onde ele veio. Pode ir embora!”. A minha mãe empurrou. Segurou nas costas dela, balançou ela e empurrou para frente e me tomaram dela e me trouxeram de volta.

Eu vim dá conta de mim, quando eu estava fora da água, dentro de um barco pequeno, que era do meu tio. Ele me disse que eu boiei na beira do seu barco no mesmo lugar onde eu tinha caído, eu não me lembro como eu passei a noite toda dentro do rio. O meu tio me conta que, quando me encontraram, eu estava com cheiro insuportável. Eu estava com meu corpo todo babado, cheio de limo, com cheiro forte de boto”.

A TESTEMUNHA

A irmã do Wata Wirẽ confirma os fatos narrados. Maxi Shanenawa é parteira, possui 66 anos de idade e desde pequena mora na Aldeia Morada Nova. Sua versão corrobora

11 Monólogo também ganha ênfase com a performance da narração.

12 Memórias compartilhadas.

13 O encontro com a mãe é o clímax da história.

a compreensão de que o irmão foi levado pelos encantados das águas e apresenta um pouco da história do povo Shanenawa e como a situação foi percebida pela comunidade:

Eu nasci no seringal São Francisco, alto Rio Envira junto com o meu irmão Wata Wirẽ e a Yaka. Eu me chamo Maxi Shanenawa, tenho 66 anos de idade. Quando chegamos aqui na aldeia, antes de ser aldeia, ficamos acampado aqui na volta do rio, onde chamamos de Liége, dos primeiros Shanenawa que chegaram nesse lugar onde estamos atualmente. Eu era criança, foi de lá que eu cresci, eram de lá que os Shanenawa vinham trabalhar, aqui onde é a nossa aldeia, junto com o Joaquim Souza para o seringalista Neném Sena.

Quando o meu avô Inácio Brandão estava trabalhando, o Neném Sena começou a lotear terras para vender e ofereceu para Inácio Brandão comprar um lote de terra para viver com o seu povo. Foi assim como eu estou contando que conseguimos conquistar o nosso território. O meu avô Inácio não comprou, mas na época quem comprou pra nós foi a Funai¹⁴. A nossa terra, que até hoje estamos e vivemos.

Quando aqui já era aldeia, eu morava ali no meio da ladeira. Nessa época eu tinha uma filha, a Meni, e o Wata Wirẽ morava com o nosso tio Bruno. Foi dali que aconteceu esse episódio pra lá de curioso. Antigamente era normal todos que iam para cidade tinha que voltar bebidos. Atualmente isso já mudou muito. Isso aconteceu como se fosse um dia normal de sempre. Quando eles iam para cidade, levaram um barco grande com seus produtos dentro para vender. Depois de vendido, começou a beber cachaça. Quando estava bebendo, isso era cedo do dia, ele já tinha falado que quando os botos estavam boiando, ele falou umas das frases dizendo que as botas¹⁵ eram lindas demais. Já era tarde quando retornaram para casa. Quando estava deitado já tarde da noite, o meu tio com a sua esposa ouviram um barulho estranho na cozinha onde ele dormia; e ouvindo aqueles barulhos, eles se perguntaram: “o que será que está acontecendo com o Wata Wirẽ?”.

O nome do meu tio em Shanenawa se chama de Vakaynu. Ouvindo o barulho estranho, a esposa do Vakaynu pediu para que o velho esposo fosse olhar o que está acontecendo na cozinha com o seu sobrinho. Quando o nosso tio foi chegando na porta da cozinha, o seu sobrinho passou por ele na carreira em direção a sala, desceu na direção do porto e não viu mais ele, nessa noite era uma noite de luar, a lua estava bem clara.

Nessa época, o filho do meu tio Bruno, o Chagas, já é falecido, era criança; o meu tio pediu para ele ir até a minha casa, para ver se ele tinha caído no rio. Saiu baixando e tinha subido no porto da minha casa, o menino chegou em casa muito assustado me perguntando se o meu irmão não tinha chegado na minha casa, eu respondi que não. Aí eu pedi para o Chagas ir até a casa da minha irmã Yaka e perguntar se ele não tinha chegado lá na casa dela. Ela disse que também não tinha chegado lá. O menino volta correndo e diz para seu pai que ele não tinha chegado nas casas de nenhuma das irmãs. O velho disse: “então o barulho que ouvi no rio era ele caindo no rio”. A partir daí, o meu tio mandou me chamar junto com a minha irmã e disse pra nós o que tinha ouvido e acontecido

14 Fundação Nacional do Índio (Funai).

15 Referindo-se aos animais, nesse caso, as boto-fêmeas.

com o nosso irmão. A partir desse momento, já avisamos a aldeia todo sobre o ocorrido.¹⁶

Como o rio estava meio cheio¹⁷, ninguém se arriscou a cair no rio, mas o meu tio Bruno pediu que todos ficassem na beira do rio¹⁸ pra ver se ele ia boiar. Nesse tempo só tinha a lamparina¹⁹, todos com a lamparina na cabeça beirando rio, pra ver encontrava. Nada de encontrar. Foi quando o meu tio falou com a minha irmã a Yaka (na época só ela que era a pajé, eu ainda não era pajé) falou para Yaka que ela não era qualquer pessoa, ela era pajé. Então, como ela era pajé, tinha que incorporar os seus espíritos e investigar o que tinha acontecido com ele através dos espíritos e em seguida fazer as buscas e trazê-lo de volta novamente. Os espíritos se incorporaram na Yaka e falaram que os espíritos das águas tinham o levado para dentro do rio. Os espíritos falaram para os que estavam ouvindo naquele momento, que iam fazer as buscas dentro do rio e onde o encontrasse ia trazer ele de volta. Os espíritos que estavam incorporados na Yaka disseram que não era pra nenhuma pessoa que estavam ali fazendo as buscas não era para desistir, que ele ia trazer ele de volta, mas que era para ficar beirando rio sempre. O pessoal da ladeira passou a noite procurando ele na beirada do rio e nada de aparecer. Quando o dia vinha clareando, a Yaka se incorporou novamente e falou para todos ficarem atentos que ele ia boiar a qualquer momento. Todos ficaram atentos da ponta a outra da aldeia na beira do rio.

Quando eu estava na beira do rio, abaixo da onde ele tinha caído no rio, a gente ouviu nosso tio assoprando, já sabíamos que algo tinha acontecido. Saímos correndo para o porto do nosso tio, quando vimos dentro do barco do meu tio lá estava o meu irmão sentado só de cueca dentro banco. Tinha acabado de sair de dentro da água, que os espíritos que incorporaram na minha irmã tinham trazido de volta. Quando fomos se aproximando dele, bem devagarzinho, tinha muitos botos boiando perto do barco. Muito botos mesmo, só vendo para você acreditar! Aí minha irmã chegou e falou para todos que estava ali perto, que não era para ninguém se aproximar senão fosse ela, depois que ela chegasse nele ela ia segurar ele e os outros podia se aproximar e assim ela fez.

Quando a sua irmã segurou nos cabelos dele, os homens se aproximaram e seguraram ele, quando chegaram perto dele, ele estava muito liso, cheio de gosma pelo corpo todo, cheiro muito forte de boto. Quando seguraram ele dentro barco, os botos faltaram subir dentro do barco com ciúme dele, tinha muito boto boiando perto do barco, várias pessoas seguraram e subiram ele para casa.

Chegando em casa, mornaram água. A pajé pediu para buscarem folhas de urucum, foram buscar as folhas de urucum, colocaram dentro da água morna e deram banho nele. Em seguida, a pajé fez uma defumação com várias ervas medicinais e depois embrulharam ele com o cobertor e deitaram na rede na dele. A pajé fez umas rezas nele, foi a partir desse ritual que a pajé fez, ele começou a voltar ao normal dele, essa história foi assim que aconteceu.

16 O evento pessoal se torna fato da coletividade.

17 O Rio Envira nasce no Peru e desemboca no Rio Tarauacá. Ele é o limite entre Feijó e Tarauacá. Sua profundidade média é de 4 metros. No inverno, época de cheia, pode chegar ao nível de 8 metros e no verão chega a ter apenas 1 metro, conforme dados da Defesa Civil.

18 Envolvimento de toda a comunidade.

19 A lamparina é um marco temporal em ambas as histórias, pois os fatos ocorreram há tanto tempo – cerca de 50 anos – que ainda se usava lamparina.

O meu irmão passou muitas horas dentro da água. Essa história não foi inventada, não é uma brincadeira, esse fato aconteceu de verdade, ficou em nossa memória até os dias de hoje. O que aconteceu com o meu irmão, depois desse acontecimento, eu não deixei ele andar sozinho; onde ele ia, eu o acompanhava. Passou um bom período sem beber bebidas alcoólicas. Depois de um bom período sem beber, ele voltou a beber novamente e, quando ele voltou a beber novamente, começou a ser perseguido pelo espírito novamente, pelos espíritos das águas. Todas as vezes que bebia, o espírito desse encantado queria o levar novamente para o rio. Todas as vezes que ele bebia, pressentia o espírito perto dele e começava a falar assim: “minha irmã, aqui tem muitas moças lindas ao meu redor querendo beber comigo”. Já pedia para o seu cunhado o amarrar com cordas grossas, para evitar a tentação de levar ele para o rio novamente, não queria cair no rio novamente. Todas as vezes que ele era amarrado com cordas finas nas suas mãos e nos seus pés, as cordas finas não aguentava as forças dos espíritos, quebrava com muita facilidade. Os espíritos tinham muita força, por isso que ele pedia para ser amarrado com cordas grossas. Teve momentos que amarraram ele com corrente não muito grossa, até a corrente ele conseguiu quebrar. Quando o espírito encantado incorporava nele, ninguém se aproximava dele, tinha que amarra logo.

Um certo dia, foi um senhor chamado de Paroacu visitar o meu tio Bruno e meu irmão. Estava dando essa crise e o senhor Paroacu perguntou o que estava acontecendo com o meu irmão. Foi quando eu falei o que tinha acontecido com meu irmão: ele estava sendo perseguido pelos os espíritos das águas. Quando me respondeu assim: “ai meu Deus! Você deve estar sofrendo muito, por causa da situação do seu irmão, né minha comadre?” Eu respondi pra ele que sim. Esse senhor sabe de muita oração sobre esse tipo de situação. Ele é um rezador tradicional. Eu tenho certeza que ele teve pena de mim e foi quando ele disse assim para mim: “minha comadre, não se preocupe, eu vou fazer uma oração para ele. Creio que nunca mais vai acontecer isso com o seu irmão”. Foi quando o senhor fez a oração. Depois dessa oração que o senhor Paroacu fez para o meu irmão, nunca mais teve essa crise de perseguição dos espíritos das águas até os dias de hoje. O seu tio avô está vivo para contar essa história junto comigo, o que aconteceu com ele. Quando você e sua esposa eram crianças, quando isso aconteceu. Espero ter ajudado com as minhas conversas sobre essa história do Wata Wire□.

ORALIDADE

As duas memórias descrevem e testemunham sobre a existência dos encantados e sobre o episódio extraordinário²⁰ ocorrido com um parente. “O passado lembrado é tanto individual quanto coletivo” (LOWENTHAL, 1998, p. 78), no qual neste exemplo se trata de uma experiência pessoal e, como vimos, torna-se coletiva a partir da comoção local com o desaparecimento. Além disso, quando recontada, a memória traz em si um aprendizado sobre a necessidade de ter sabedoria ao se comunicar com os encantados, a atuação da pajé para intervir em situações e a importância das rezas.

Os narradores, Wata Wirẽ e Maxi, são hoje pessoas idosas e por isso vozes idôneas dentro da comunidade. Os depoimentos são fontes de conhecimento do passado para as

20 Para ambas as culturas é extraordinário ter passado horas nas águas e não ter morrido.

novas gerações, sendo essa uma prática comum entre os indígenas. A oralidade norteia a educação e a manutenção das tradições. “A consciência do passado é, por inúmeras razões, essencial ao nosso bem-estar” (LOWENTHAL, 1998, p. 64) e entre o povo Shanenawa há várias outras narrativas que são contadas pelos mais velhos com essa intenção.

Para o povo Shanenawa²¹, a tradição oral é passada dos mais velhos para os mais novos, sendo uma forma de encorajar os mais jovens e também um meio de transmitir ensinamentos, com o intuito de preparar para a vida. Assim, não se tratam de histórias do passado, mas sim uma tradição que mantém as vivências sempre presentes.

Essa conclusão está alinhada com as perspectivas apresentadas por Lowenthal: “reconhecer o passado como um âmbito temporal distinto do presente, afirmam alguns acadêmicos, é uma característica inerente ao pensamento ocidental” (LOWENTHAL, 1998, p. 64).

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições - chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. (VANSINA, 2010, p. 139)

Deste modo, a tradição oral dos Shanenawa constitui sua importância na construção da comunidade. “Os fatos contingentes e descontínuos do passado tornam-se inteligíveis apenas quando entrelaçados em forma de histórias” (LOWENTHAL, 1998, p. 117).

Contar histórias é um exercício milenar por meio do qual se observam ideologias, identidades, saberes e, ao serem narradas, as histórias contam com um instrumento imprescindível ao narrador: a voz. Embora nem todos os indivíduos desenvolvam a habilidade para contar histórias, narrar é um ato cuja natureza é inerente ao homem (BERGAMINI, 2011, p. 01).

Nesse ponto, a reflexão sobre a contação de histórias pode ser aprimorada com a análise apresentada por Zumthor, “a voz é um laço social” (ZUMTHOR, 1997, p. 1) e na dinâmica aqui apresentada vai além disso. “Na voz, a palavra se enuncia como lembrança” (ZUMTHOR, 1997, p. 13) e essa lembrança entrelaça a própria constituição das identidades, em todas suas tessituras, sejam elas emocionais, sociais, religiosas, culturais e ideais. Sendo a voz, e a tradição oral conseqüentemente, “uma emanção do corpo, é um motor essencial da energia coletiva” (ZUMTHOR, 1997, p. 63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o valor sagrado dos conhecimentos dos povos indígenas, desde 2010 estabeleceu-se um esforço para que toda a sabedoria manifesta pela oralidade seja registrada também na forma escrita. Nas aulas práticas da Escola Tekahayne Shanenawa, os

21 A Aldeia Morada Nova é a mais antiga aldeia Shanenawa, situada à margem direita do Rio Envira, zona rural de Feijó, Terra Indígena Katukina Kaxinawa, sendo essa última composta por 11 comunidades.

educadores têm levado os mais velhos para o ambiente escolar para narrarem histórias de encantados, espíritos, cosmologias, assim como para falarem da medicina da floresta.

A iniciativa tem o intuito de resgatar e fortalecer a história do povo Shanenawa, pois “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade” (LOWENTHAL, 1998, pág. 83). Por fim, registrar os saberes e práticas que ajudaram a manutenção da comunidade e seu modo de vida, contribui para novas práticas, a partir da compreensão e disseminação dos saberes.

O povo Shanenawa acredita nos espíritos das plantas, nos espíritos da água, espíritos dos animais e a educação é passada por meio da tradição oral. Quando ponderamos sobre o tema, Eldo e Edilene são unânimes: “nós não temos mitos, temos a história verdadeira”. A defesa espontânea da história contra a possível acusação de ser mito ou invenção revela as barreiras culturais que foram consolidadas ao longo do tempo entre os contatos culturais firmados.

Todavia, não é esse olhar binário de “certo e errado” que importa. Ao analisar a importância da oralidade para os Shanenawa concluímos que ela é o estamento de toda a comunidade: “toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser” (VANSINA, 2010, p. 189).

REFERÊNCIAS

- BERGAMINI, Claudia Vanessa. A Poética da Voz: análise da voz em narrativas orais. **BOITATÁ**, Londrina, n. 11, p. 28-36, jan-jul 2011.
- DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento**: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, v.4, n.1, 23, 1998. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/s0104-93131998000100002>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. São Paulo, 17, p. 63-201, 1998.
- MENEZES, Pedro. **O que é animismo**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/animismo/>. Acesso em 14 dez. 2021.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: ZERBO, Joseph K. (org). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, 140-166.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1997a.